

UM CURSO DE GEOBIOLOGIA 1: AS MIL E UMA NOITES: ABRINDO AS PORTAS DA PERCEPÇÃO

Marcos Alves de Almeida (www.geomarcosmeioambiente.com.br)

Sempre me estão perguntando quando eu vou montar um curso de geobiologia e quanto tempo tem de duração? Brincando falo: um curso de introdução à geobiologia tem duração de quatro anos com quatro horas de aula por semana. Mas aqui vamos bater um papo informal sobre as minhas experiências e outros bate papos, pois não sei por onde vai andar o meu cérebro por essa viagem nas mil e uma noites!

Uma noite, lá por volta de 1993, de madrugada, estava assistindo o programa Comando da Madrugada e uma cena me chamou a atenção. Aparece um radiestesista mostrando como uma residência estava afetada por uma anomalia nociva. Um grande radiestesista, o Dr. Marcondes, mostrava para o Goulart de Andrade como uma faixa que cortava a residência poderia afetar os moradores. Mostrava algumas plantas e pequenas árvores raquíticas e quase sem vida. Logo em seguida a presença de um cupinzeiro.

Fiquei abismado com o fato de que poderiam existir anomalias nocivas nos locais de moradia e nesse momento me dei conta que a minha casa poderia conter essas faixas com energia nociva. Não tinha sequer noção e muito menos qualquer conhecimento da existência da radiestesia a não ser os “vedores de água” com a varinha em “Y”, os rbdomantes. Como geólogo voltado para a pesquisa e trabalho de campo, a vida toda, não me dava conta de existir a possibilidade de conseguirmos identificar, com um simples pêndulo tais anomalias.

Peguei uma chave sem uso e pendurei em uma corrente de metal e saí pela casa procurando alguma anomalia. É claro, o pêndulo improvisado sequer se mexia. Mesmo assim, isso me intrigou. No dia seguinte procurei algum livro que falasse do assunto e tentava praticar os exercícios propostos no livro. Nada! O pêndulo não mexia.

Deixei a idéia de lado e quase me esqueci do assunto. De repente aconteceu de eu encontrar uma moça, lá no IPT, onde trabalhava no Agrupamento de Geologia Geral, que me disse que estava iniciando um curso de radiestesia. Pronto! Fui lá e me inscrevi no curso do grande radiestesista Roberto Takeo Uenishi. Um curso fantástico, com aulas uma vez por semana, com umas vinte e seis alunas, senhoras e moças e mais dois gatos pingados eu e outro rapaz. Parecia que as mulheres aceitavam melhor esse tipo de curso. O curso tinha aula uma vez por semana e durou cerca de oito meses. Imaginem! Naquele tempo, que não era muito tempo atrás, o tempo rendia, sem pressa, fui me divertindo com aquelas aulas, que não se resumiam somente à radiestesia, mas ele dava ênfase para a nossa formação filosófica, abrindo a nossa mente para perceber mais a nós mesmos do que somente aplicar a radiestesia de forma mecânica. Ele trazia poemas sufis, taoistas, zen budistas, e contos das mil e uma noites. Com a finalidade precípua de nos abrir a mente: abrir as portas da nossa percepção.

Aprendemos a utilizar gráficos, como montar os testemunhos, aprendemos a utilizar os emissores do grande radiestesista e radionicista Juan Ribaut e uma intensa prática com teoria alternada. Foi o começo.

Foi nessa época que conheci o Instituto Mahat. Ganhamos pêndulos para o curso e fiquei curioso em saber quem construía algo tão bem elaborado, o denominado pêndulo egípcio. Fui até a Vila Maria e conheci primeiramente o Sr. Osvaldo o artesão que trabalhava com o torno. Mais tarde conheci o Cafarelli e a Aparecida Guerreiro. Foi o início de uma longa amizade e trabalhos juntos.

Nesse ínterim eu já praticava e já tinha lido todos os livros que existiam na praça sobre radiestesia. E como eu sou geólogo de campo, logo saía pelos arredores do IPT e na USP tentando medir tudo que via pela frente. Utilizando a Régua Bovis e os gráficos dos irmãos Servranx.

Foi, então, nessa época que me deparei com um livro fundamental, principalmente, para mim, sendo geólogo, pois ele abriu as portas da percepção e aí, sim, foi o começo de tudo. Descobri a geobiologia. O livro, que todos conhecem, a bíblia, de Mariano Bueno, “O grande livro da casa saudável”.

É claro! Estudei detalhadamente esse livro por alguns anos. Pratiquei todos os itens do livro que começa assim: O ser humano e o meio em que se desenvolve: energias sutis, geobiologia, ciência do habitat, legados históricos, do conceito de residência saudável à síndrome do edifício doente; radiações e saúde; e na parte Energias e vida: mostra claramente a eletricidade ambiental: a eletricidade terrestre, atmosfera e saúde, o ser humano dentro do campo elétrico natural, eletricidade e processos biológicos; em Ionização do ar e equilíbrio: explica o que se entende por ionização, os ionizadores, ionização e radicais livres, chave da degeneração celular e como proteger-se. Fala de radioatividade cósmica e terrestre, da eletricidade artificial, o lar radioativo, poluição sonora, qualidade do ar e contaminação atmosférica, luz, cor e iluminação.

E numa terceira parte: prática geobiológica, onde destaca: detecção de radiações nocivas, e utiliza de forma prática, ainda de forma um pouco tímida, o que denomina de: sistemas de detecção baseados na sensibilidade pessoal. Nesse item apresenta a radiestesia e radiestesia interagindo com a geobiologia. Nessa época, 1992, quando foi escrito, ele quase se desculpa em usar a radiestesia como instrumento de medição das anomalias nocivas. Alegando que os aparelhos de medição, aceitos pela ciência oficial, eram limitados e sofriam influências do meio ambiente, e que eram necessários fazer estudos por vários dias para se tirar uma média de medições. E por isso colocou um item em que dizia: Limites dos equipamentos de medição:

“Cada instrumento ou medição nos informa de um aspecto concreto da realidade que nos cerca, porém o certo é que ainda não se dispõe de um aparelho ou equipamento de medição que assinala o que ocorreu com todas essas energias e suas múltiplas interações com o ser humano ou com qualquer outro ser vivo, pelo que talvez o mais lógico seja perguntar diretamente ao organismo”

E assinala: “Após muitos anos de experiência, devemos reconhecer que, todavia, não dispomos de nenhum aparelho ou equipamento eletrônico mais confiável que o próprio corpo humano. E, definitivamente, a ele deveríamos nos remeter sempre que desejássemos ter uma idéia aproximada do que ocorre ao nosso redor”.

E quase nos preparando para o próximo capítulo frisa e quase se desculpando diz: “Por tais circunstâncias, no próximo capítulo, abordaremos os sistemas de detecção que fazem uso da sensibilidade e das reações do corpo humano, para informar-nos de quanto sucede ao nosso redor”. E aí, nesse próximo capítulo faz uma introdução à radiestesia e geobiologia dizendo: “Em geobiologia, faremos um uso restrito da radiestesia, centrando-a em campos onde a moderna eletrônica ainda não nos dá respostas com seu complexo instrumental, com o empregado na detecção de alterações eletromagnéticas, eletrostáticas, radioativas, sonoras e outras”.

E ainda, justificando-se, é claro, para a ciência oficial não o destruir e alegar que o livro dele não passa de um livro “esotérico” etc. e tal. Então ele diz, como que pedindo desculpas: “Diante de certas radiações sutis ou confusas para o instrumental eletrônico, porém suscetíveis de criar verdadeiros transtornos, como os estudados anteriormente não terão mais remédio que recorrer à sensibilidade de nosso organismo, ampliando suas ínfimas reações com a ajuda de algumas varas ou com o pêndulo e uma régua graduada corretamente”.

E, em outro item, após explicações do por que usar a radiestesia alega, como quem só está usando a radiestesia por que não tem outro jeito, como que obrigado a usar tal ferramenta, dizendo: “A radiestesia pode chegar a ser uma boa ferramenta de trabalho para um especialista em geobiologia, porém deixando claro que não é a única nem a melhor, sobretudo devido às controvérsias que suscita e a uma reticência psicológica por parte de algumas pessoas, que a comparam com práticas diabólicas ou de magia negra”.

Vejam a pressão que as pessoas exercem sobre a utilização da radiestesia como instrumento de medição. Se você citar a radiestesia em um livro, automaticamente o seu livro vai ser catalogado como não científico e vai para o setor: esotéricos ou de auto-ajuda, etc.

E esse preconceito, não se refere somente à ignorância das pessoas sobre o significado da radiestesia, mas quase que inutilizando todo o restante do livro, com a alegação: “Bem! Eu estava desconfiado que esse livro fosse meio esotérico, a gente vê que ele começou a falar de coisas que não vemos e diz que existe”.

“ No fundo ele só foi falar da radiestesia quase no fim do livro. Perdi meu tempo lendo esse livro. Não acredito em radiestesia, trabalhos à distância, não passam de um engodo, charlatanismo, enganação”.

“ Como é que alguém pode utilizar uma simples planta do imóvel e “mudar” a energia e essa mudança ocasionar uma mudança real no local da residência e as pessoas que

moram lá recebem a informação? Truque! Um simples papel não pode transmitir informação!”.

Ledo engano!

Não é à toa o cuidado do Mariano Bueno em citar a radiestesia, como que quase, pedindo desculpas às pessoas de ele ter que utilizar a radiestesia porque os instrumentos de medição absoluta, como Kombi test com três sondas para campos eletromagnéticos; Kombi test com sonda para campos elétricos; magnetômetros do tipo Magnetômetro portátil “Geo-Test 35”; medidores de níveis de radioatividade do tipo Radarlet; o Aifaix; o Air Ion Counter; o Estatímetro que nos permite ver o equilíbrio do ar, bem como o Sonômetro para responder ao som do tipo Sound Level Meter, como também o medidor de temperatura e umidade relativa no ar como o Termômetro-higrômetro de máximas e mínimas, digital e com memória que nos informa, na tela, se o equilíbrio entre umidade relativa e temperatura é adequado – “comfort”, quando com muita umidade - “Wet” e se o meio estiver muito seco - “Dry” e outros instrumentos, num arsenal completo.

Imaginem o custo de uma análise dessas em um apartamento! E, além disso, ele precisa ir lá dias e dias, criar gráficos comparativos e tentar “isolar” os instrumentos de influências secundárias, ver a tendência média das medições, etc... Mas, pelo cúmulo que pareça, as pessoas, aí sim, valorizam e dizem: “Ah! Isso é ciência!”. E se caso não der certo eles reafirmam: “Bem, eles, os pesquisadores, não têm culpa, pois o aparelho mediu e deu um resultado!!

Ledo engano!

O que ele concluiu é que esses instrumentos sofrem os efeitos do meio. Imaginem, em um prédio de apartamentos, blindado, com vidros que não abrem, com três ou quatro estacionamentos que não respiram (como já vi nos Jardins), como, por exemplo, em um prédio de dezessete andares, com a possibilidade de se utilizar 4.000 Volts de eletricidade para o uso do usuário em cada andar, lotado de ar condicionado, e, é claro, computadores, sendo que para tocar essa gigantesca máquina é preciso ter uma Alta Tensão de 50 mil Volts e ao redor do prédio uma quantidade imensa de ERBs (Torres emissoras da Telefonia Celular), com antenas em quase todos os prédios vizinhos. Sendo, ainda, que os prédios construídos à base de concreto e aço (não têm, ainda, outras formas de construir prédios), formando gaiolas de Faraday, com todas essas anomalias eletromagnéticas criadas pela domótica, sem dúvidas necessárias, mas indubitavelmente problemáticas para os seres que vão habitá-los e ainda a somatória de radiações anômalas vindas do subsolo como: água subterrânea em movimento, zona tectônica, e o principal inimigo invisível: o gás radônio; nesse ínterim percebe-se, claramente, que qualquer instrumento absoluto de medição, como os citados acima e outros, não podem indicar e distinguir, muito menos diagnosticar, o que de fato estão medindo, pois os aparelhos mostram, em mostradores, números, valores, unidades de medidas absolutas. Nós, no entanto, somos seres biológicos bioreceptores e bioemissores e por isso somos instrumentos de medição biológicos que medem, à

semelhança, o que afeta em outros seres humanos e seres vivos em geral e por isso utilizamos a radiestesia como instrumento de medição biológica, pois acessa o nosso organismo que sofre os efeitos do meio, pois não somos “andróides” que desligam à noite e religam de manhã e muito menos andando nesses meios nocivos, por muitos anos, não sofremos, “nada”, os seus efeitos nefastos.

Ledo engano!

Como esses aparelhos são absolutos eles não distinguem um cano enferrujado de um problema real que pode de fato nos afetar, nós - os seres humanos. Capíxe!

Por hoje chega desse saudosismo...! 23.01.2010! Quase meia noite!

Marcos Alves de Almeida (www.geomarcosmeioambiente.com.br)

